

Abaixo-Assinado

Ano XV • Número 124 • Agosto de 2019 • WhatsApp 97246-2213 • <http://jaajrj.com.br/jaajrj/> • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

Ato presta solidariedade aos conselheiros tutelares injustamente afastados em Jacarepaguá



Da esquerda para direita: Bruno, Joselina, vereador Fernando Wiliam, Almir, Giselle e Gleide. Página 4

Quilombo do Camorim em festa



Festa do Jongo preserva a cultura e é empolgante. Página 8

Denúncia de crime ambiental nas Vargens



Rio Calembá em Vargem Pequena. Página 3

200 Gritos de Valéria Barbosa

Página 7



Jacarepaguá

Vargens

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Editorial

Apoiamos Felipe Santa Cruz e Glenn Greenwald

O JAAJ presta solidariedade a Felipe Santa Cruz, presidente nacional da OAB e ao jornalista Glenn Greenwald. Eles foram as mais recentes vítimas diretas da perversidade do atual presidente da república.

Importante lembrar o período de sombra que o país mergulhou por 21 anos. Entre 1964 e 1985 o Brasil viveu sobre o regime autoritário imposto por militares. Dados da Comissão Nacional da Verdade reconhece 434 mortes e desaparecimentos políticos, excluídos índios e camponeses, durante a ditadura. Isso sem falar nos torturados.

Entre os que desapareceram está o estudante cearense Fernando Santa Cruz. Ele tinha 26 anos quando foi preso por militares no Rio de Janeiro e o seu corpo nunca foi encontrado. Um registro secreto da Aeronáutica, datado de 1978 sobre a prisão de Santa Cruz e um atestado de óbito aponta que ele foi morto pelo Estado brasileiro.

O presidente parece não ter limites para o desrespeito. Recentemente ele provocou o filho de Fernando, atual presidente da OAB Felipe Santa Cruz. “Se o presidente da OAB quiser saber como o pai dele desapareceu na ditadura, eu conto”, debochou Bolsonaro.

Quando questionado sobre a versão oficial da Aeronáutica, apresentada pela Comissão da Verdade, o presidente respondeu: “isso aí é balela”. Não Bolsonaro, não é balela, trata-se um dos muitos crimes cometidos pelo Estado brasileiro.

Glenn é jornalista, um dos fundadores do site The Intercept Brasil, responsável pela divulgação dos diálogos nada republicanos entre o então juiz da Lava-Jato Sérgio Moro e o promotor de justiça Deltan Dellagnol.

Nas conversas vazadas, Sérgio Moro demonstra clara parcialidade contra o ex-presidente Lula e chega a indicar e até conduzir a conduta da promotoria. Uma atitude para lá de suspeita.

Bolsonaro disse que Glenn é um “malandro” por ter se casado e adotado filhos no Brasil e que ele “talvez pegue uma cana aqui”. Em resposta aos ataques de Bolsonaro, centenas de pessoas foram à sede da ABI no Rio em solidariedade ao jornalista.

A postura de Bolsonaro além de perversa estimula o ódio e nega o direito que toda brasileira e brasileiro tem de dar dignidade a história e não repetir erros.



Entenda a hipotensão postural e evite o risco de quedas

Espaço Equilibrates Reabilitação & Saúde
Dr. Cristiane Giannotti - Fisioterapeuta



Você já se levantou rapidamente do sofá ou da cama e sentiu uma tontura estranha? Essa sensação estranha é uma queda súbita da pressão sanguínea quando alguém coloca o corpo em posição ereta, que pode durar até três minutos após ter ficado em pé. Assim como em outros tipos de pressão baixa, pode surgir também um mal estar, uma tontura e, principalmente, uma sensação de desmaio. O mais indicado a se fazer nesse momento é voltar a sentar para evitar uma queda com riscos de traumas. Em casos mais demorados, o indicado é voltar a deitar-se e elevar as pernas para facilitar o retorno venoso dos membros inferiores, devido ao menor suprimento sanguíneo chegando ao cérebro.

Caso você sinta isso, fique tranquilo, pois a hipotensão ortostática/ postural pode estar associada à desidratação, ingestão de diuréticos ou de bloqueadores beta. Essas tonturas nas trocas posturais são comuns em doentes acamados ou idosos, que permanecem muito tempo deitados e sem realizar atividades físicas diárias. Devemos ter atenção às quedas muito recorrentes, principalmente não controladas. Nesses casos, a hipotensão médica terá de investigar a sua origem.

Já nas gestantes, o problema é uma respiração. Traduzindo: os vasos sanguíneos crescem a placentária. Consequentemente, o fluxo perde.

Hipotensão postural pode acontecer em qualquer fase da vida. É muito relatado por pessoas durante a fase de ir ao banheiro, se tornando um dos maiores problemas que podem gerar lesões traumato-ortopédicas.

Para evitar a Hipotensão Postural, mantenha as trocas posturais devagar para que seu corpo não sinta as mudanças de pressão. Se, ao levantar, você sentir que a sua pressão está caindo, respire fundo e procure um local para se sentar. Beba água e, em alguns casos, é indicado comer um biscoito de água e sal. O sódio vai reter os líquidos e aumentar o volume de sangue nos vasos. Aos idosos, devemos orientar que tentem esperar sempre dez segundos ao levantar antes de andar. Sempre é mais seguro esperar!

Dra. Cristiane Giannotti, Fisioterapeuta do Espaço Equilibrates
Fisioterapia e Pilates (Praça Seca, 50 – sala 401 e 404)
Redes sociais: <https://www.facebook.com/fisiocrisgiannotti>
@crisgiannottineopilates - WPP: (21) 98818-2712



Por que não queremos ver? Pobreza, desemprego, falta de apoio familiar e especulação imobiliária

Luna Pedrosa*

O que nos falta para olharmos as pessoas em situação de rua com compaixão? Estamos perdendo nossa humanidade!

Diariamente vejo as calçadas das ruas cada vez mais lotadas e servindo de colchão e residência para diversas pessoas em situação de rua. Não sei qual o sentimento de vocês, mas o meu é de profunda tristeza por ver que meus irmãos não conseguem ter acesso ao mínimo do mínimo existencial. Será que os governantes que elegemos não veem isso? Será que é tão absurdamente difícil disponibilizar nas ruas banheiros químicos para que essas pessoas possam usá-los com dignidade? Será que é tão difícil disponibilizar cabines com chuveiro para que essas pessoas tenham a possibilidade de tomar um banho diário?

Esses indivíduos não conseguem comer, pois os ex-governantes eleitos e os atuais tanto fizeram para expressar seu ódio aos pobres que fecharam todos os restaurantes populares.

Nós que temos um teto sobre nossas cabeças inflamamos nosso ego para receber e hospedar gringos em nossas casas, mas somos inca-



pazes de abrigar em noites chuvosas e frias pessoas em situação de rua.

Vocês olham para essas pessoas ou simplesmente passam fingindo que elas não são nada?

Nas minhas

andanças, vejo famílias inteiras (idosos com seus filhos, netos e animais) em situação de rua. Eu as compreendo perfeitamente quando dizem que ou pagam o aluguel de uma quitinete (aqui se incluem água e luz, que também são absurdamente caras) ou vivem na rua com o pouco dinheiro que ganham dos seus trabalhos, mantendo uma alimentação bem miserável.

Caminhamos para uma situação em que não será mais admitido que pobres vivam em grandes centros, com o real cada dia mais desvalorizado, as empresas que ainda contratam (em regime de escravidão) pagando o que querem e quando querem, os donos de imóveis que também só querem lucrar cobrando aluguéis absurdos por espaços cada vez menores, tornando inviável o acesso à moradia para infinitas pessoas que só lhes restam ter as ruas como abrigo.

***Fisioterapeuta**



Nhoque de Arroz

Cozinha da Tia Nel

Sobrou arroz? Que bom! Que tal fazer um delicioso prato principal: Nhoque de Arroz. Fica uma delícia!

Nhoque de Arroz - Ingredientes da massa

- 2 xícaras sobras de arroz cozido
- 2 xícaras de água
- 2 ovos
- sal e pimenta do reino a gosto (+ ou - 1 colher de sobremesa rasa)
- 1 colher (sopa) cheia de margarina ou manteiga
- 1 xícara de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) cheia de salsinha picada
- 3 colheres (dopa) cebolinha picada
- 3 colheres (sopa) queijo ralado (suave, tipo Boa Nata, Regina, Vigor...)

Ingredientes para a cobertura

- Molho de tomate (+ ou - 3 xícaras)
- Mussarela
- Orégano



Modo de Fazer

Bata no liquidificador os cinco primeiros ingredientes. Transfira a pasta formada para uma panela, leve ao fogo e deixe ferver. Acrescente a farinha de trigo e mexa até soltar do fundo (mexa bem para que a farinha cozinhe!). Com a massa ainda quente acrescente a salsinha, a cebolinha, o queijo e misture bem. Quando esfriar faça os rolinhos em uma superfície untada e corte em formato de nhoque. Em uma assadeira coloque um pouco de molho e arrume os nhoques intercalando com molho pra que fiquem soltinhos uns dos outros. Polvilhe com mussarela e orégano e leve ao forno para derreter a mussarela. Fica com gostinho de quero mais...rs.



Registro de Imóveis O que é Certidão Ônus Reais?

É a certidão obrigatória para transferência de bens ou de direitos a eles relativos. A Certidão de Ônus Reais atesta a existência ou inexistência de ônus sobre o imóvel, bem como, comprova a titularidade do mesmo. Tal certidão declara, por exemplo, se o imóvel está hipotecado ou penhorado. Quando um imóvel é vendido o novo proprietário deve apresentar cópia da certidão de ônus reais ao condomínio para ser feita a mudança de titularidade.

EXPEDIENTE
Abaixo-Assinado
Jacarepaguá
Vargens

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá
JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
<http://jaajrj.com.br/jaajrj/> - Tels (21) 97246-2213
**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Conselho Editorial: Alexandrina, Almir Paulo, Carla Scott, Carlos Motta, Cláudio Mattos, Humberto Vellozo, Ione Santana, Ivan Lima, João Magalhães, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Micheli Ferreira, Miguel Pinho, Renato Consentino, Renato Dória, Roberto Senna, Severino Honorato, Val Costa, Valmíria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro..

Coordenação Geral: Almir Paulo

Arte e Diagramação: Jane Fonseca

Mídia Digital: Pedro Ivo e João Magalhães

Publicidade: Ivan Lima

**Todo material enviado ao E-mail, Blog e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Postos de castração fechados

Após o fechamento de vários postos de castração, a Prefeitura do Rio de Janeiro quer reabrir alguns postos extintos por ela. Está sendo feita uma licitação para essa reabertura, com algumas alterações. Enfim, o bom senso prevalecerá. O fechamento foi um absurdo e uma estupidez. Estamos de olho, prefeito! A castração é muito importante para que não haja proliferação e abandono dos animais.

EM DEFESA DOS ANIMAIS Vaneide Carmo

Feira de Adoção

Pet Catuta Rio Grande realiza mais uma Feira de Adoção no dia 24 de agosto, sábado, de 10 às 16h. Participação de Vaneide Carmo e protetoras convidadas.



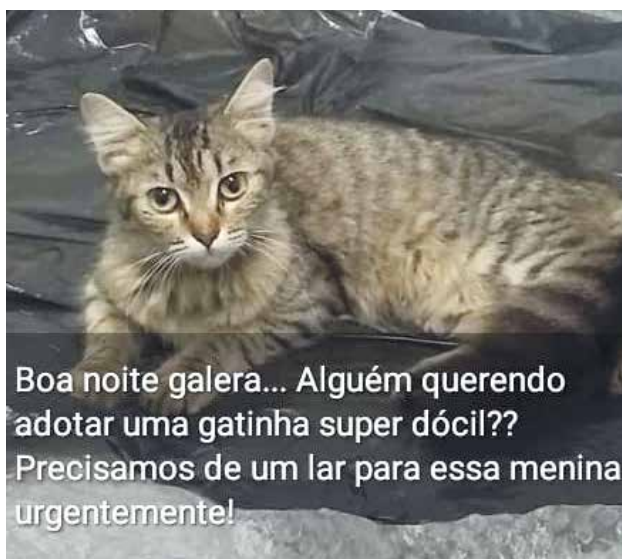
Não maltrate os animais! Maus-tratos é crime

Procure ajuda para não abandoná-los nas ruas.

Vacine os animais nas

campanhas da Prefeitura. Jamais se esqueça de levar seu cão ou gato ao veterinário. Cuide da saúde do seu amigo. Fique atento a doenças como leishmaniose e verme do coração.

Não compre animais, ADOTE!



Boa noite galera... Alguém querendo adotar uma gatinha super dócil??
Precisamos de um lar para essa menina urgentemente!

O corredor polonês nas ruas de Jacarepaguá

***Almir Paulo e João Magalhães**

A Prefeitura do Rio de Janeiro resolveu brincar. E está brincando com coisa séria. Demoraram algum tempo para se entender, mas depois de muita balbúrdia duas fileiras foram organizadas. A primeira, na antiga gestão do ex-prefeito Eduardo Paes, se posicionou com o choque de ordem e seus cassetetes. Já a segunda fileira, na gestão do prefeito Marcelo Crivella, vendou os olhos do prefeito e liberou o ponto para meia dúzia de cafajestes fazerem a festa. Agora, cabe só o camelo passar. Os prefeitos chamam: "Venha meu povo! A gente quer brincar."

Repressão 'versus' Não intervenção

Se existe uma coisa que o ambulante, em busca de legalidade, precisa para sobreviver às condições precárias de suas vendas em Jacarepaguá é de persistência. Como se já não bastasse a burocracia para conseguir todos os documentos, a má Administração Pública dificulta ainda mais a vida de muito trabalhador.

Durante a gestão do ex-prefeito Eduardo Paes, as visitas do choque de ordem eram constantes, para o desespero dos ambulantes que ficavam meses aguardando uma resposta da Prefeitura para conseguir um ponto de venda de seus produtos. "As pessoas que trabalham aqui pensavam em desistir, teve uma vez que o GOE – Grupo de Operações Especiais veio batendo em escudos e levando tudo. Chegaram a levar meu botijão de gás, minha sorte é que eu tinha nota fiscal de tudo e consegui pegar de volta no depósito deles depois", conta um camelo da região.

Mas agora, na gestão do prefeito Marcelo Crivella, o cenário é outro. A repressão diminuiu, porém a ordem



para Jacarepaguá é liberar tudo. Ambulantes ilegais estão atuando livremente. "Não concordo que tem que ir todo mundo, temos que andar na legalidade; só dou opinião que tem que se organizar", comenta o mesmo ambulante.

No atual cenário, alguns grupos ilegais começaram a monopolizar pontos na região. Comenta-se à boca pequena nas ruas da Freguesia, que um mesmo dono possui mais de 20 barracas ilegais. O dinheiro fica concentrado nas mãos de poucos, e os funcionários ganham menos. A concorrência afeta diretamente os ambulantes que se esforçaram ao extremo para conseguir sua legalidade.

Direito versus sem donos do pedaço pela força

Os ambulantes legalizados, que não querem a volta da repressão propagada por Paes, querem apenas que haja uma ação do prefeito Marcelo Crivella quanto à fiscalização desse monopólio de pontos. É necessário que o município não continue com esse descaso e que cobre a lei. Além disso, resta a esperança de que nas próximas eleições tudo melhore.

*Coordenação JAAJ

Moradores de Vargem Pequena denunciam crime ambiental



Julio Cesa
Escritor e morador das Vargens



A denúncia refere-se a crime ambiental praticado por empresa de dragagem na rua Paulo José Mahfud, no rio Calembá, em Vargem Pequena. Com o argumento de dragar o canal assoreado, a empresa contratada pela Prefeitura do Rio de Janeiro está destruindo as margens do referido canal, danificando e retirando os meios-fios, as árvores e a grama das margens etc. Além de modificar a topografia da localidade, essas ações irão causar alagamentos e o afundamento da rua.

Nas fotos do local poderão ser facilmente constatados, por qualquer um, os danos irreversíveis, como estreitamento do canal, criação de margem ou barragem em locais alagadiços, além da subtração das margens originais e de árvores. Foram arrancados dois ipês amarelos, uma extremosa, e o cajá-manga está morrendo. Os meios-fios do final da rua foram destruídos e a margem desse local, por onde entraram a máquina e a prancha, afundou. Tudo isso vem acontecendo sem a devida fiscalização.



Ato de Desagravo reúne instituições, amigos e familiares em solidariedade aos conselheiros tutelares afastados

“Pisa no chão, pisa maneiro/ Quem não pode com a formiga/ Não assanha formigueiro.”
(Música de Jacinto Silva)

No dia 20 de julho de 2019, no Clube Recreativo Português de Jacarepaguá, 97 pessoas estiveram presentes no Ato que exigia uma reparação para a ofensa à reputação de Bruno Lima, Giselle Bento, Gleide Bonzoumet e Joselina Pachá. Os quatro tiveram seus mandatos e candidaturas de conselheiros tutelares cassados, após um ano de tramitação de processo administrativo. Participaram do evento representantes da Federação das Associações de Moradores do Município do Rio de Janeiro – FAM-Rio, Associação de Moradores da Vila Autódromo, Associação de Moradores do Vale da Curicica, Conselho Distrital de Saúde da AP 4, Grupo Fé e Política, Pastoral das Favelas, Comissão Pastoral de Fortalecimento dos Conselhos Tutelares e Associação dos Conselheiros Tutelares do Estado do Rio de Janeiro – ACTERJ. Além de muitos amigos e parentes.

A mesa foi coordenada pelo editor-geral do *Jornal Abaixo-Assinado*, Almir Paulo. A plateia ficou indignada com a descrição das denúncias e os detalhes do trabalho de apuração da Comissão de Ética dos Conselhos Tutelares. “A denúncia foi feita em julho de 2018, mas a oitiva de defesa foi convocada apenas em novembro, sem apresentação prévia da acusação. Nós não sabíamos o porquê da notificação de comparecimento. E quando avisamos que traríamos os documentos comprobatórios da nossa inocência, nos prometeram que o nosso testemunho bastava e o processo seria arquivado”, conta Gleide



Bonzoumet, visivelmente emocionada.

Os relatos foram ouvidos atentamente por Quésia Almeida, subsecretária de Direitos Humanos e suas assessoras Shirley Jannuzzi e Fabiana Neto. Elas explicaram que a Prefeitura não tem gerência nos Conselhos Tutelares e sua competência se limita a garantir a infraestrutura e os recursos humanos necessários para o funcionamento de suas sedes. Ao mesmo



tempo, agendaram uma reunião com o secretário municipal da Assistência Social e Direitos Humanos. Também presente no Ato, o vereador Fernando William (PDT), que assumiu o compromisso de convocar uma audiência pública na qual a Comissão de Ética e a Corregedoria deverão prestar esclarecimentos sobre os protocolos de apuração de conduta irregular dos conselheiros tutelares.

QUERO MEUS CONSELHEIROS TUTELARES DE VOLTA!

Bruno Lima, Giselle Bento, Gleide Bonzoumet e Joselina Pachá precisam arcar com os honorários do advogado, para que a autoridade judiciária resgate a verdade dos fatos, e do voto de 500 eleitores. E, para isso, organizamos uma campanha on-line para arrecadar recursos financeiros. Visite o site: <http://vaka.me/651965> e contribua!

Ninguém solta à mão de ninguém

Secretário João Mendes de Jesus se surpreende com os relatos das ex-conselheiras tutelares do CT 18 – Taquara



O secretário municipal de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro, João Mendes de Jesus, recebeu Giselle Bento, Gleide Bonzoumet e Joselina Pachá em seu gabinete, na sexta-feira, dia 26 de julho de 2019. Elas apresentaram o teor do Processo Administrativo n. 08/002480/2018, cuja decisão afastou as três de seus mandatos como conselheiras tutelares do CT 18 – Taquara. Mendes de Jesus se mostrou espantado, mas repetiu o que a Subsecretaria de Direitos Humanos declarou ao final do Ato de Desagravo: “O Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA-Rio e a Comissão de Ética dos Conselhos Tutelares são órgãos autônomos. Não temos gerência sobre eles. Apenas a autoridade judiciária poderá mudar a decisão deles.”

Seu diploma pode ser falso!

Milhares de diplomas com falsa aparência de legalidade são emitidos no Brasil. Para conferir sua validade você deve estar atento a 3 detalhes fora do diploma: seu livro de registro, publicação de extrato de emissão de diploma no Diário Oficial e a existência de link de validação no portal da universidade

Wladimir Loureiro*

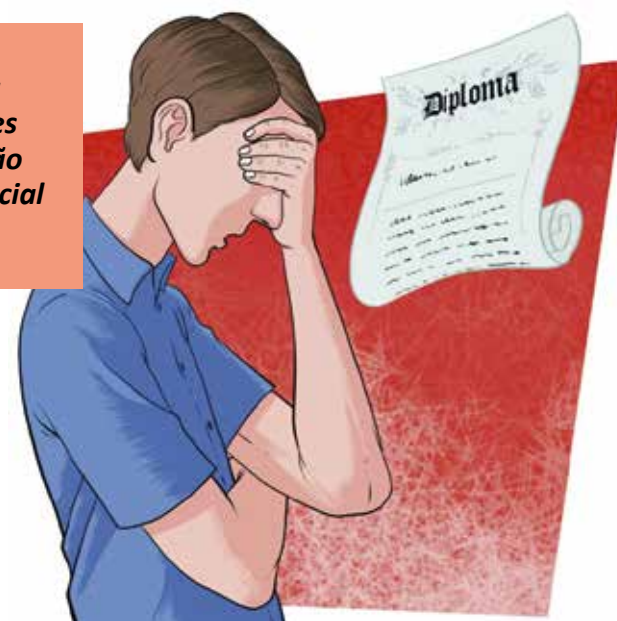
Todo dia centenas de pessoas recebem diplomas falsos no Brasil. Pessoas que pagam dezenas de milhares de reais por um curso superior. Sonhos que se tornam pesadelos. Pesadelos extremamente caros.

O “Relatório Final da CPI do Ensino Superior Irregular” da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE) concluiu que há dezenas de milhares de diplomas falsos. E que a principal culpada é instituição de ensino, geralmente porque o curso não é reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Alerta: **não são poucas, algumas grandes universidades fazem isso!**

O relatório da CPI, terminado em 2016, foi enviado ao Congresso Nacional que, mais ocupado com o *impeachment* da então presidente, preferiu ignorar a gravidade do problema fartamente provado no documento da ALEPE.

O único órgão que tomou alguma providência foi o Tribunal de Contas da União no Acórdão 1175/2018 em que critica severamente a forma que o MEC deixa de fiscalizar as instituições privadas de ensino superior com relação à expedição de diplomas.

Em resposta, o MEC expede a Portaria 1.095, publicada em outubro de 2018 que traz como grande inovação, pelo seu



artigo 23, a obrigatoriedade da instituição de ensino manter um espaço público em seu portal na internet para a validação, ou seja, para se reconhecer em qualquer tempo ou lugar a autenticidade de um diploma. Para o MEC o registro do diploma não é sua mera expedição, isso é o de menos.

A portaria deixa claro que o livro de registro de diploma, a publicação do extrato de emissão do diploma no Diário Oficial e o link para validação são condições sem as quais o diploma não tem validade jurídica, condições sem as quais o diploma é um mero pedaço de papel como tantos milhares de diplomas sem ilegais constatados pela CPI da ALEPE.

***advogado. Contato: 21 983019945**

Notícias das Vargens & Camorim

População das Vargens discute moradia popular e produção agroecológica

Movimentos sociais, profissionais de arquitetura e urbanismo, ambientalistas, instituições e agricultores debatem os direitos à moradia e à produção agrícola agroecológica no território das Vargens na segunda-feira, dia 12 de agosto. O encontro acontece no Seminário Morar e Plantar na Cidade, que vai tratar do impacto da especulação imobiliária e das mudanças nas legislações urbanísticas em territórios populares e comunidades tradicionais, assim como sua relação com a agricultura urbana e a habitação.

O seminário é gratuito e aberto ao público, mediante inscrição prévia. A atividade faz parte do “Projeto Morar e Plantar na Metrópole: experiências populares e legislação urbanística”, desenvolvido por movimentos sociais de agroecologia e moradia popular da zona oeste do Rio de Janeiro. A iniciativa conta com o apoio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (CAU/RJ), responsável pelo edital de patrocínio cultural, além de organizações não-governamentais e laboratórios universitários.

Conectar e narrar experiências de morar e plantar a partir do olhar que essas convergências proporcionam é



o eixo central do projeto, que também inclui ações de comunicação popular. A proposta é identificar experiências de morar e plantar no espaço urbano e suas contribuições para o planejamento das cidades, com foco no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

O quê: Seminário Morar e Plantar na Cidade: o território das Vargens

Data: 12/08/2019 - Horário: 9h

Local: Sede da Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande – AMAVAG - Estrada do Pacuí, 80
Inscrições: tinyurl.com/y58ooce2

Prefeitura instala placa de sinalização na Vila Autódromo

Após muita pressão das famílias da Vila Autódromo, e da divulgação da reivindicação na edição 123 do **Jornal Abaixo-Assinado**, a Prefeitura do Rio de Janeiro finalmente instalou a placa que sinaliza a entrada da comunidade.

“Essa é a confirmação de que a Vila Autódromo permanece no território e é reconhecida como parte da cidade. Juntos somos mais fortes!”, postaram os moradores na página do Museu das Remoções no Instagram.

Errata: Na reportagem que falamos sobre a sinalização na Vila Autódromo na edição 123, intitulada “Festa Junina marca mais um ano de resistência, alegria e luta na Vila Autódromo”, há uma declaração de Luiza de Andrade, não de Luiza Nasciutti como colocamos no texto. Nos desculpamos pelo engano!



Crianças participam de mais um sábado de plantio de árvores na Vila Taboinhas



***Renato Consentino**

A terceira edição do ‘Plante-Ação!’ na Vila Taboinhas deixou mais sete árvores frutíferas na comunidade: dois pés de pitanga e dois de araçá, além de um de jabuticaba, de canela e de tangerina. As árvores foram plantadas por crianças do projeto Emunah, iniciativa de Silvana Dutra, uma das primeiras moradoras do local.

“A Taboinhas é o lar da maioria das crianças que a gente atende. Precisamos criar a conscientização da importância do meio ambiente para uma vida saudável, e assim viver em um mundo mais verde e feliz”, disse Silvana, que também colocou as mãos na terra. Na porta de sua casa, na rua A, em breve as crianças poderão se alimentar com tangerinas do tipo pokan.

As outras árvores plantadas estão na porta da casa do Nerildo e da Cida (jabuticaba) e da Lucineia (canela), na rua E. Já o Santana, que é jardineiro, plantou um pé de araçá e outro de pitanga no pequeno jardim na frente de sua casa, na rua A. Outra pitangueira nesta rua foi pra casa do Val Gomes, e por fim as crianças plantaram um pé de araçá na entrada do Bar da Bebel.

Em três edições, o projeto já plantou 43 mudas de árvores frutíferas na comunidade Vila Taboinhas. O objetivo é chegar a 300, tornando o ambiente mais aprazível, com sombras e frutos pras famílias que resistem às ameaças de remoção. Colocar as mãos na terra e fincar os pés na comunidade é o lema do Plante-Ação!

***Educador**

Leia no Blog ou no Facebook do Jornal Abaixo-Assinado



Antes descaso de Eduardo Paes e agora a incompetência e descaso de Crivella: continua fechado o Centro de Referência para Pessoas com Deficiência (CRPD) de Jacarepaguá, localizado ao lado da Vila Olímpica do Mato Alto, na Praça Seca.

Blog < <http://jaajrj.com.br/jaajrj/> >

Facebook < [Página Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá](https://www.facebook.com/jornalabaixoassinado) >



Carta do Leitor

Discordância do Editorial do Jornal Abaixo-Assinado

Discordo do Editorial do jornal, na edição de número 123, de julho de 2019, no que se refere à falta de projeto no governo Bolsonaro. Nós estamos vendo um desmonte do Estado brasileiro e um fortalecimento do capital financeiro.

Então, pergunto: Isso não é um projeto? É claro que sim!

É o projeto neoliberal no seu maior grau de radicalidade. É o projeto dos bancos dos patrões. Portanto, não podemos induzir a população ao erro. Está em execução um projeto sim, e o povo tem direito de saber disso. Nós não podemos

cair no erro de dizer que Bolsonaro é um ignorante. Se chegarmos a essa interpretação, seremos nós os ignorantes deste momento histórico.

***Maurício Guilherme Braga, morador da Vargem Grande**

Caro leitor, envie sua carta ou mensagem para o Jornal Abaixo-Assinado.

WhatsApp (21) 97246-2213

E-mail: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

Blog do JAAJ: <http://jaajrj.com.br/jaajrj/>

Facebook: < [Página do Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá e das Vargens](https://www.facebook.com/jornalabaixoassinado) >

Pré Vestibular Emancipa - Jacarepaguá

*Anna Karolina Gomes

A Rede Emancipa existe desde 2007 em outras localidades, trazendo a proposta de um pré vestibular gratuito, visto de uma visão baseada no patrono da educação brasileira, Paulo Freire, onde o ensinar se dá pela aproximação da realidade dos alunos em seus círculos e também com a comunidade em geral em suas aulas públicas.

O Curso chegou ao nosso bairro nesse ano, sendo planejado por profissionais da educação já formados ou em processo de formação de forma totalmente voluntária. Esses professores estão sempre na luta por uma educação digna, gratuita e para todos estando presente em todas as manifestações a favor da educação e contra qualquer corte nas instituições de ensino públicas.

No mês passado a equipe do Emancipa de Jacarepaguá promoveu uma aula pública sobre a Reforma da Previdência na Praça do BRT, os professores perceberam o quanto os trabalhadores não tem informações das mudanças propostas pelo governo.

As aulas do pré vestibular Emancipa ocorrem na Escola Estadual Engenheiro Bernardo Sayão, ao lado da escola municipal Barão da Taquara aos sábados.

O Emancipa já colhe resultados, classificando alunos para a segunda fase do vestibular da UERJ!

*Professora e moradora do bairro do Tanque

Qualquer pessoa pode fazer parte do Emancipa,
é só entrar em contato pelo site ou Facebook.

www.redeemancipa.org.br/rede-emancipa/emancipa-jacarepagua-rj/
www.facebook.com/EmancipaJPA



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Professor Rendo Dória

O campesinato negro nas fazendas dos Beneditinos na Baixada de Jacarepaguá do século XIX

Um fato extremamente relevante a respeito das terras dos Beneditinos em Jacarepaguá, em fins do século XIX, que atualmente correspondem aos bairros de Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande, é que havia, pelo menos, cerca de 20 lotes agricultáveis ocupados e trabalhados por negros escravizados num regime de "economia autônoma". Além disso, muitos dos ex-cativos que habitavam as terras dos religiosos puderam, por conta própria, comprar sua alforria. O que estas informações significam, afinal, para aquele período?

Em primeiro lugar, devemos lembrar que a sociedade carioca do século XIX permitia por lei a escravização de negros e isto tinha um peso considerável na organização das hierarquias sociais, determinadas por critérios étnico-raciais. Na prática isto correspondia a uma posição social vantajosa aos indivíduos brancos em relação à negros e mestiços, mesmo havendo níveis semelhantes de riqueza ou de pobreza.

Em segundo lugar, considerando essa estrutura social excludente e racista da sociedade carioca do século XIX, a situação não era igualmente favorável em relação ao acesso à terra para negros e mestiços. No entanto, os dados acima, em relação às fazendas dos Beneditinos em Jacarepaguá, apontam para um fenômeno bastante estudado pelos historiadores pelo

menos desde a década de 1970 e igualmente negligenciado nos relatos sobre história de Jacarepaguá: a existência de um campesinato negro.

Sabe-se que era muito comum no século XIX os beneditinos concederem lotes de terra a homens negros e mulheres negras escravizados que decidissem se casar. Inclusive, esta prática era estimulada pelos religiosos. Por outro lado, é muito conhecida, também, a prática de fazendeiros do mesmo período, relatarem que a melhor forma de evitar as revoltas de negros escravizados nas fazendas de café era cedendo um lote de terras para que eles mesmos pudessem, a partir do próprio trabalho, obter o seu sustento.

Além disso, deve-se considerar, também, a existência dos quilombos. Estes, devido aos sucessivos embates contra as forças policiais do Império, possuíam uma dinâmica de surgimento e deslocamento que foi responsável, em parte, pelo movimento de interiorização do espaço ocupado pela cidade. Os quilombos ocupavam áreas devolutas ou "desabitadas", entre os sítios próximos à área central ou aquelas localizadas nas freguesias rurais".



ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - MEMÓRIA PÚBLICA
Família de pescadores da Barra da Tijuca. Jornal Última Hora, 1954.

Mas, preferencialmente, os negros fugidos do cativeiro formavam os quilombos em áreas não aproveitadas pelas fazendas, como os charcos e as encostas de morros com densas coberturas florestais. Em Jacarepaguá, por exemplo, há registros de quilombos formados nas encostas dos morros e florestas por volta da década de 1880.

Estes exemplos redimensionam ainda mais a dinâmica de ocupação territorial e as possibilidades de acesso à terra em Jacarepaguá por parte de populações margi-

nalizadas durante o século XIX: trabalhadores negros e trabalhadoras negras livres e pobres, escravizados ou ex-escravizados (libertos e alforriados) e quilombolas. Estes grupos contribuíram para formar um verdadeiro campesinato negro dentro do conjunto da população rural carioca daquele período. E na baixada de Jacarepaguá não foi diferente, conforme os dados acima.

Vê-se, portanto, que ao longo das décadas finais do século XIX o monopólio da terra pela grande propriedade senhorial e escravista não era, de forma alguma, absoluto na região de Jacarepaguá. Ao contrário, havia mecanismos que garantiam a possibilidade de homens negros e mulheres negras superarem as condições sociais de exclusão que eram colocados no contexto de uma sociedade rural e escravista.

É possível constatar os desdentes deste campesinato negro que se formou ao longo do século XIX em diversas localidades da Baixada de Jacarepaguá nas primeiras décadas do século XX, então conhecida por Sertão carioca: nos núcleos de pescadores e lavradores que foram alvos de violentos despejos por inúmeros pretensos proprietários, como o Banco de Crédito Móvel e o italiano da Barra, Pascoal Mário.



Severino Honorato
Poeta, aficineiro
e editor

A escritora, pesquisadora e agente de fomento cultural Valéria Barbosa grita em alto e bom som, sobretudo o que a incomoda, mas não apenas a ela, seu ser. Moradora do Anil, Rio de Janeiro, há 47 anos, desde então trabalhando com projetos socioculturais na Cidade de Deus, é uma das 25 pessoas ganhadoras do concurso em homenagem aos 200 anos da Independência do Brasil, cujo livro *200 gritos por liberdade* a faz ser ouvida em todas as planícies, vales e montanhas, ou mesmo em mares revoltos.

O livro de Barbosa é composto por poesias libertárias, conforme suas próprias palavras, dispostas em textos poéticos. A sua poesia nasce verdadeiramente da sua presença em saraus nas periferias, em especial na cidade do Rio de Janeiro, mas também em outras cidades como Salvador.

O grito poético de Valéria Barbosa é um levante contra quem ousa punir com a morte a juventude negra das favelas. Ela vê, observa e interage com a diversidade cultural, fortale-

200 Gritos de Valéria



cendo as práticas coletivas, irmanando-se em critérios e lutas.

Ela também é autora de outros dois livros: *Coração preso na cômoda da incomodada vida* e *Os grandes mestres guardiães da Cidade de Deus*. A obra *200 anos da Independência do Brasil* contém 201 poemas. Um deles tem o título “Eco do povo”. O livro pode ser adquirido diretamente com a autora, e será lançado na 19ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que acontecerá entre 30 de agosto e 8 de setembro, no Riocentro, no estande da Litteris Editora.



Cláudia Scott
Consultora
Comercial

“Cariocas não gostam de dias nublados.” E se esse dia é uma tarde de domingo, com um frio de 17º graus e uma chuva constante, aí mesmo é que as pessoas não saem de casa, certo? Errado. Afinal, abrigado embaixo de uma árvore, lá estava ele, com sua capa de chuva, trabalhando no sinal de trânsito.

A capa de chuva transparente permitia que seu uniforme, de um lançamento imobiliário, pudesse ser identificado. Cuidadosamente ele contava, dobrava e protegia cada um dos panfletos: afinal, a chuva não poderia destruir seu material de trabalho.

Eu era a primeira motorista do sinal, e percebi quando ele veio em minha direção. Em seu caminhar pude notar que era um senhor, com as costas um pouco curvadas e passos firmes sob a chuva. Abri o vidro. Ele abriu um sorriso.

Animadamente retirou um de seus folhetos debaixo de sua capa de chuva. Suas mãos, tremendo de frio, me entregaram o folheto um pouco úmido. Agradei e fiquei surpresa quando ele respondeu: “Obrigado a você por aceitar.”

Depois disso fiquei admirando seu trabalho pelo espelho lateral. Com seu sorriso no rosto e sua capa de chuva, ele tentou, sem sucesso, entregar os folhetos aos motoristas dos carros que estavam parados atrás de



mim. Parecia que os motoristas não o viam, parecia que aquela capa de chuva tinha o poder de deixá-lo invisível.

No entanto, antes do sinal abrir, percebi que ele voltava para seu ponto de origem, com o mesmo sorriso no rosto, para esperar até que o sinal se fechasse novamente. Segui meu caminho, mas aquela imagem não saiu da minha cabeça.

Refiz o mesmo trajeto na volta, na esperança de revê-lo, e lá estava ele. No mesmo lugar, debaixo da mesma árvore, com a mesma capa de chuva, contando e protegendo seus folhetos.

Abri o vidro novamente e perguntei se ele queria que eu levasse alguns folhetos para ajudá-lo na distribuição. Ele abriu novamente o sorriso e me surpreendeu dizendo que naquele momento tinha poucos folhetos, e por isso não poderia me dar.

Enquanto estava manobrando o carro, vi que ele distribuiu seus dois últimos folhetos com o mesmo sorriso, atravessou a rua sob a chuva, dobrou a esquina e seguiu seu caminho.



Você é cria de Jacarepaguá? Nasceu ou adotou esse bairro como o seu lar? Ama Jacarepaguá — mesmo que muitos digam que Jacarepaguá é longe pra caramba?



Então, você já pode fazer parte do movimento JPA — Eu Te Amo, que visa à ocupação dos espaços públicos pela população — que adota e cuida de áreas como a praça Cândido da Silva Mendes, na rua Alberto Soares Sampaio, 300, na Taquara.

Nesta mesma praça ocorreu, no último dia 28 de julho, a FES (Feira de Economia Solidária e Sustentabilidade). A FES é um espaço onde empreendedores locais, que também amam Jacarepaguá, oferecem à sociedade seus produtos e serviços, e onde a população pode conhecer melhor todo o potencial de quem quer, por

meio do empreendedorismo, transformar o bairro. Com uma diversificada área gastronômica, diversas atividades gratuitas (como massagens e oficinas), shows instrumentais, apresentações da Orquestra da Escola Francis Hime, recreação para as crianças, entre outras, a praça se tornou um verdadeiro oásis para viver uma bela tarde de domingo no bairro.

Ficou interessado? Quer viver essa experiência e conhecer a FES? No próximo mês terá mais! Anote aí: dia 15 de setembro, no mesmo local.

Até lá!



O *Jornal Abaixo-Assinado (JAAI)* recebeu um singelo texto de Gizele Martins, jornalista formada pela PUC-Rio, com Mestrado em Comunicação, Educação e Cultura pela FEBF-Uerj, moradora da Maré — o Conjunto de Favelas da Maré localiza-se na Zona Norte do Rio de Janeiro e é formada por 16 favelas, e tem aproximadamente 132 mil moradores.

“Hoje, atuo em diversas atividades dentro das favelas do Rio: Rolé dos Favelados; cursos de comunicação comunitária; e sobre história das favelas, além de coordenar o Maré 0800, uma atividade de rua que realizamos há dois anos na Maré e que inclui doações de roupas, brinquedos e livros”, salienta Gizele Martins.

O objetivo do coletivo, em que Gizele atua, é trabalhar a comunicação comunitária na rua, entregando as doações em troca de um papo sobre direitos humanos, gênero, política, racismo, favela e assuntos afins. Então é isso, quem faz a luta e a história escreve no JAAI. Seja bem-vinda, Gizele Martins!

Crianças rueiras e o aprendizado da coletividade em uma favela do Rio

A rua é o lugar que mais marca a minha infância. A rua é o grande espaço de convivência na favela. É nela que conhecemos os vizinhos, que conversamos por horas e horas com quem passa, é nela que brincamos, que dividimos os brinquedos, que brigamos, que caímos e nos machucamos, é nela que construímos a amizade, é ali que aprendemos a descobrir também o que é a infância, e não é qualquer infância, é a infância favelada, periférica, negra, nordestina, uma infância popular e coletiva.

Voltar a memória sobre esse tempo e lugar, é lembrar das ruas cheias de terra, cimento, do poste de madeira, da chegada do paralelepípedo, do trabalho coletivo dos adultos na hora do mutirão para construção de uma,

duas, três casas, da vizinha que acordava cedo e varria toda a rua e juntava todo o lixo, é lembrar da minha bisavó que aguava suas plantas logo cedo, do bêbado da rua no bar da esquina, da vizinha gritando pra gente não correr muito para não machucar, das fofocas diárias, da festa de casamento que fechava toda a rua, da correria que era eu avistar minha avó voltando do trabalho à tarde, na altura da av. Brasil, e correr ao encontro dela, é lembrar do sol raiando e da noite chegando, e os gritos das tias para pararmos de brincar, tomar banho, jantar e ir dormir.

Leia em: <http://www.torvelim.com.br/detalhe/26/criancas-rueiras-e-o-aprendizado-da-coletividade-numa-favela-do-rio>.



Yakaré Upá Guá

Os 100 anos do bairro da Penha

Professor Val Costa
Texto

A Penha é um bairro carioca localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o Censo de 2010, possui 78.678 habitantes, distribuídos por uma área de 581,13 hectares.

Em 22 de julho de 1919, o Decreto nº 1376 separava a Penha da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. Os atuais limites do bairro foram estabelecidos pelo Decreto Nº 3158, de 23 de julho de 1981, com alterações do Decreto Nº 5280, de 23 de agosto de 1985.

O nome do bairro significa “grande morro de pedra” ou “penhasco”. Ele faz uma referência ao penedo sobre o qual se encontra a Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha de França, popularmente conhecida como Igreja da Penha. Ela foi idealizada pelo capitão português Baltazar Abreu Cardoso, dono de duas fazendas na região: a Fazenda do Engenho da Pedra e a Fazenda de Nossa Senhora da Ajuda. Diz a lenda que Baltazar, ao ser atacado por uma cobra, pediu a proteção da mãe de Jesus.

Agradecido por ter se livrado do perigo, ele construiu, em 1635, uma pequena capela no topo do Morro da Penha. Em 1728, essa ermida foi demolida pela Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha, que edificou um templo maior no seu lugar. Em 1870, essa capela também foi substituída por uma igreja ainda maior, com uma torre e novos sinos. Em 1900, houve outra intervenção: foram construídas duas novas torres, que mais tarde, em 1925, receberiam 25 sinos afinados em tons diversos. Para ter acesso ao templo, o visitante pode usar o bondinho ou subir os 382 degraus esculpidos diretamente no penhasco. Em 21 de junho de 1990, através do decreto Nº 9.413, a Igreja da Penha foi tombada definitivamente pelo poder público municipal.

Da atual Avenida Lobo Júnior até o bairro de Ramos existia uma praia denominada “Praia da Maria Angu”. Nela, havia um porto que era usado para escoar a produção de açúcar das freguesias de Irajá, Inhaúma e Campo Grande para o centro da cidade. Durante a gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), uma linha de barcas passou a fazer o trajeto entre o Porto da Maria Angu e a Praça Quinze. No início dos anos 1940, grande parte dessa área



Santuário da Penha

foi aterrada para a Construção da Avenida Brasil. O que restou desse litoral foi a Praia de Ramos, atualmente imprópria para o banho em decorrência da grande quantidade de esgoto lançado na Baía de Guanabara.

Na Penha existia um importante matadouro, onde hoje está o Conjunto Habitacional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Ele abatia o gado criado na Fazenda de Santa Cruz. O bairro também abrigou a famosa fábrica “S.A. Cortume Carioca”, que se transformou na maior indústria de couro da América Latina durante os anos 1930 e 1940. O terreno do antigo curtume abriga atualmente o condomínio Viva Penha Clube.

Segunda Festa de Jongo no Camorim Um sucesso!

Renato Dória e Rosilane Almeida*

A realização da 2ª Festa de Jongo no Quilombo do Camorim, no dia 3 de agosto, foi um sucesso! Em meio à chuva, ao frio, e à lama, nosso solo sagrado não perdeu o axé, e jogueiros e visitantes compartilharam uma energia muito boa e singular, que superou até as expectativas dos organizadores.

No Quilombo do Camorim, o jongo se reafirmou no ano de 2017, quando a comunidade foi beneficiada com o projeto “Danças Populares”, que abrangeu o Camorim e sub-bairros vizinhos. Como todo projeto na comunidade é voltado para o resgate das tradições que foram se perdendo ao longo do tempo, com o jongo não foi diferente, a conexão com os alunos foi muito mais forte do que com outras danças.

O evento contou com a presença de mestres vindos de outros quilombos, para abrilhantar a roda, como os grupos do Jongo Di Volta e dos Filhos da Semente, e tivemos o prazer de receber também a Gilmar Roberto, representante do Quilombo São José, e Luana Ferreira, do Jongo da Serrinha.

Os tambus, as palmas e a dança ganharam vida por meio dos pontos cantados pelo mestre Geraldo e por Jociara Souza, que encantaram a todos com a simplicidade e o vasto conhecimento das tradições, que se perpetuam de geração em geração.

E não foi só o jongo que brilhou neste evento, houve também oficina de xquerê, com Andreza Carla, filha de dona Aurinha do Coco. Ao final da oficina, os participantes cantaram e dançaram,



Fotos cedidas por Pau Brasilis



que iam de roupas, a artesanatos, bebidas e comidas. Teve opções para todos os gostos.

A ACUQCA e o Quilombo do Camorim agradecem a presença de todos que contribuíram para este evento acontecer: os organizadores, voluntários e convidados. A união faz a força. Axé!

Feira Cultural Quintal da Taquara: 18 de agosto

Cíntia Travassos*

A Feira Cultural Quintal da Taquara está em sua terceira edição. O evento é realizado uma vez por mês, na praça Cândido da Silva Mendes, rua Alberto Soares Sampaio, 300, Taquara, com a presença de expositores sustentáveis de arte, artesanato, moda e gastronomia.

A Edição Arraiá Julino foi um sucesso! Com programação variada, incluindo a apresentação do grupo teatral As Lucianas, que encenou o espetáculo *Cantarolando Luiz Gonzaga*, contou com grande receptividade do público.

A próxima Feira Cultural Quintal da Taquara, Edição Festa Ploc, em homenagem ao Dia dos Pais, acontecerá no dia 18 de agosto, com execução de músicas dos anos 1970, 80 e 90, para que todos possam fazer uma viagem no tempo. A programação será intensa, com bandas de música, flashback, dança, artesanato, gastronomia, karaokê, sorteio de brindes e muita diversão. Tudo isso num ambiente familiar, com um público animado e alto astral.

Anote aí a data: domingo, dia 18 de agosto, tem Feira Cultural Quintal da Taquara, Edição Festa Ploc. Não fique fora dessa! Traga a sua família!

*Produtora e moradora de Jacarepaguá

